

PESSOAS / CULTURA / TERRITÓRIO / DESPORTO



NÍMERO 18 I OUTUBE

C//A CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA



Índice

3 EDITORIAL

Mensagem de Inês de Medeiros

4 EM ARQUIVO Água é Vida

6 EM ANÁLISE

Da origem ao consumidor. De onde vem a nossa água?

Da Natureza à nossa casa

Como podemos evitar o desperdício e aproveitar cada gota

12 EM FOCO

A arquitetura da água

18 território

O Renascimento do Estuário do Tejo

CavAlMar.

Quantos são e onde vivem os cavalos-marinhos?

SURF.ART. Um projeto que potencia crianças e jovens a desenvolver a sua autonomia através do surf

26 ALMADA EM MIM

Luís Quinta: Paixão pelo Mar da Nossa Terra

30 RADAR

A Galinha da Vizinha. Um espaço que se desdobra em escola e loja para quem quer aprender a tricotar.

32 ACONTECE

Noite de Reis. O texto de William Shakespeare, com encenação de Peter Klneinert e atuação da Companhia de Teatro de Almada, está em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite.

Museu de Almada - Covas de Pão. Reabre com uma nova exposição "Casas, covas e ruas: as raízes medievais de Almada"

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada | Departamento de Comunicação Diretora: Inês de Medeiros Diretora-Adiunta: Raquel Antunes Coordenação: Sara Dias Consultor Editorial: Paulo Tavares Editor de Fotografia: Luís Filipe Catarino **Redação:** Ana Beatriz Ferreira (BF), Joana Mendes (JM), Paulo César Teixeira (PCT), Paulo Tavares (PT), Sandra Gomes (SG) Fotografia: Anabela Luís (AL), Carlos Valadas (CV),

Luís Filipe Catarino (LFC) e Victor Mendes (VM)

Paginação: Elisabete Correia Capa: Luís Filipe Catarino

Impressão e distribuição: To spend with you

Tiragem: 120.000 exemplares Periocidade: Mensal Distribuição: Gratuita ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º1b). Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS:

Geral

Tel.: 212 724 000

Gabinete de Atendimento Municipal Linha Verde Almada Informa - 800 206 770 E-mail: almadainforma@cm-almada.pt Distribuição da Revista Almada: distribuicao.revista@cm-almada.pt

Site: cm-almada.pt

f 🖾 🗖 🍎 /cmalmada



Editorial

"O valor da água é profundo e complexo. Não há nenhum aspeto do desenvolvimento sustentável que não dependa fundamentalmente dela."

António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas

Caras e caros munícipes,

Habitamos um território rodeado de água. Quer pelos 35 quilómetros de costa atlântica e ribeirinha que são, em simultâneo, um privilégio e uma imensa responsabilidade, quer pelo bem precioso que significa estarmos sobre o grande aquífero da bacia do Tejo-Sado/ Margem Esquerda, de onde extraímos a nossa água para consumo humano.

Contas recentes das Nações Unidas estimam que, até 2024, a procura por água potável vai mais do que duplicar, o que coloca uma enorme pressão na forma como gerimos este recurso global.

Abrir a torneira e beber um copo de água é um gesto que damos por adquirido, que poucos valorizam, mas é algo a que mais de 2,2 mil milhões de pessoas - um quarto da população mundial - não têm acesso.

Nesta edição contamos-lhe como é captada, tratada e distribuída a água que chega a sua casa.

Vivermos num concelho assente sobre uma reserva quase inesgotável de água de grande qualidade não pode deixar-nos indiferentes à forma como gerimos este recurso. Esta deve ser uma preocupação comum. Trata-se, acima de tudo, de cumprir um contrato com gerações futuras e nestas páginas pode encontrar conselhos úteis sobre como poupar e evitar o desperdício de água. Também lhe mostramos como tratamos as águas residuais que fluem para o Tejo. O nosso concelho foi parte ativa de um

trabalho de décadas, de sensibilização de populações e indústrias, de legislação mais rigorosa, mas sobretudo de significativo investimento público na rede de tratamento de águas residuais.

Quem tenha memória dos anos 1970 ou 1980 recorda certamente um Tejo cor de chumbo, com poucos sinais de vida. Um rio a que poucos se sentiam ligados, porque poluído às mãos de uma industrialização e um crescimento urbanístico quase sem regras. Eram águas a um mundo de distância do Tejo por onde hoje passeamos, pescamos ou nadamos.

Para quem hoje em dia critica o discurso político e questiona a eficácia de políticas públicas de combate às alterações climáticas, o caminho que o nosso rio fez desde esses tempos é uma lição viva de como é possível alterar comportamentos enraizados por décadas de erros e más práticas. Recuperaram-se ecossistemas que pareciam perdidos para sempre e reconquistou-se uma relação de cumplicidade entre o rio e as populações.

Fruto desse trabalho coletivo, hoje podemos viver o Tejo em pleno e orgulhar-nos da qualidade das águas e das areias das nossas praias.

Temos, nesses 35 quilómetros de costa atlântica e ribeirinha, um ativo económico inestimável.

Seja pelo potencial turístico das areias douradas e águas transparentes da

Costa da Caparica - não há outro areal



tão extenso e a tão curta distância de uma capital europeia -, pelo que a pesca pode trazer a uma gastronomia local de referência, ou pelo potencial para a prática de todo o tipo de desportos de mar e de rio. São recursos que alimentam e estimulam o empreendedorismo local, e que devemos preservar.

À beira Tejo, estamos também a começar a resolver um dos maiores e mais antigos problemas habitacionais do concelho, que será, simultaneamente, mais um contributo para a despoluição integral do rio: a vala de drenagem que atravessa o bairro do Segundo Torrão, na Trafaria, que se encontra em risco de colapso e servia, afinal, para fazer descargas de esgotos do próprio bairro para o rio. Impera aqui a proteção das vidas humanas em risco, a efetividade do direito fundamental à habitação, mas também a proteção ambiental.

Demore o tempo que demorar, será o princípio do fim do Segundo Torrão.
Estou certa disso e muito grata a todos os que, nos últimos meses, tudo fizeram para acompanhar aquelas famílias e reunir as condições necessárias à intervenção.

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA



ÁGUA É VIDA

Texto de Joana Mendes Fotografias do Arquivo Histórico Municipal de Almada



- 1 Nora da Quinta António José Gomes, Cova da Piedade, década de 1990. © Arquivo Histórico Municipal de Almada
- 2 Chafariz, [Romeira, Cova da Piedade?], meados do século XX.
- ${\Bbb O}$ Arquivo Histórico Municipal de Almada Coleção Almada em Fotografia
- 3 Construção dos reservatórios do Feijó, 1967.
- © Arquivo Histórico Municipal de Almada Coleção Almada em Fotografia
- 4 Construção dos Reservatórios do Feijó, 1967 ou 1968.
- ${\mathbb O}$ Arquivo Histórico Municipal de Almada Coleção Almada em Fotografia
- ${\bf 5}$ Reservatórios, Quinta do Facho, Caparica, década de 1970.
- © Arquivo Histórico Municipal de Almada Coleção Almada em Fotografia

A água é um bem precioso e indispensável. Num mês em que se comemora o Dia Nacional da Água, a 1 de outubro, partilhamos imagens de estruturas que, ao longo do tempo, fizeram parte de processos de elevação, reserva e fornecimento de água à população do concelho.

Destaque para a nora de ferro, integrada atualmente nos terrenos da Escola Básica 2,3 Comandante Conceição e Silva, na Cova da Piedade, que nos revela o passado rural e industrial deste território quando, antes da crescente urbanização de Almada, era pontuado por quintas.

Esta é uma nora de elevação de água em ferro, que se crê ser oriunda do ateliê do engenheiro francês Gustave Eiffel.

O proprietário mais importante foi António José Gomes.

Foi classificada como Imóvel de Interesse Municipal em 1982.





DA ORIGEM AO CONSUMIDOR DE ONDE VEM A NOSSAÁGUA

Texto de Sandra Gomes Infografia cedida pelos SMAS de Almada

Nas próximas páginas contamos-lhe a história da sua água, o caminho deste recurso fundamental das nossas vidas, desde a origem, na captação, até ao destino final, nas torneiras de sua casa.

Este é um recurso natural essencial. Apesar de representar cerca de 70% da superfície da Terra, apenas 2,5% é água doce e, desta, só 0,7% está disponível para consumo humano.

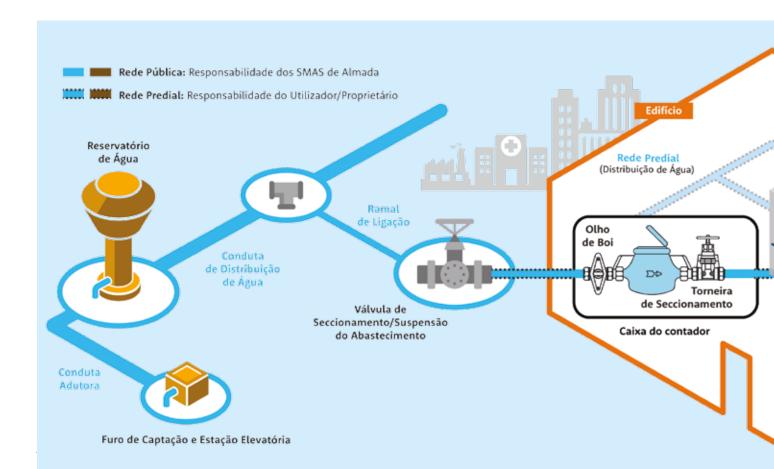
Mas de onde vem a água que todos os dias chega às nossas casas?

A água que abastece o concelho de Almada é extraída, pelos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS), no aquífero Tejo-Sado (ver caixa), a partir de 32 furos de captação subterrânea com profundidades que variam entre os 90 e os 550 metros.

A origem da água é, de acordo com os SMAS, "de excelente qualidade para o consumo humano, química e biologicamente equilibrada, por ser filtrada e purificada naturalmente no percurso entre as várias camadas geológicas, poros e rochas no subsolo". Em 2021, os SMAS de Almada captaram um total de mais de 17,7 milhões de metros cúbicos (m³) de água.

AQUÍFERO TEJO-SADO

Com uma área de mais de 6800 km², o aquífero da bacia Tejo-Sado, considerado o maior reservatório subterrâneo de água doce do país, reúne quatro bacias hidrográficas - Tejo, Sado, Ribeira da Apostiça e Melides - e abrange 26 concelhos. Um aquífero é uma formação ou grupo de formações geológicas rochas porosas e permeáveis - que pode armazenar água subterrânea até mais de mil metros de profundidade e abastece rios e furos artesianos. A chuva e a infiltração dos leitos de linhas de água são a sua principal forma de recarga.



SISTEMA DE ABASTECIMENTO EM NÚMEROS

177 268

HABITANTES NO CONCELHO

17 736 382 m³

DE ÁGUA CAPTADA/ANO

32

FUROS/PONTOS DE CAPTAÇÃO

57 500 m³

DE PRODUÇÃO DIÁRIA MÁXIMA

79 km

DE EXTENSÃO DO SISTEMA ADUTOR

797 km

DE CONDUTAS DE DISTRIBUIÇÃO

9

ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS

25

RESERVATÓRIOS

85 350 m³

DE RESERVA

46 000 m³

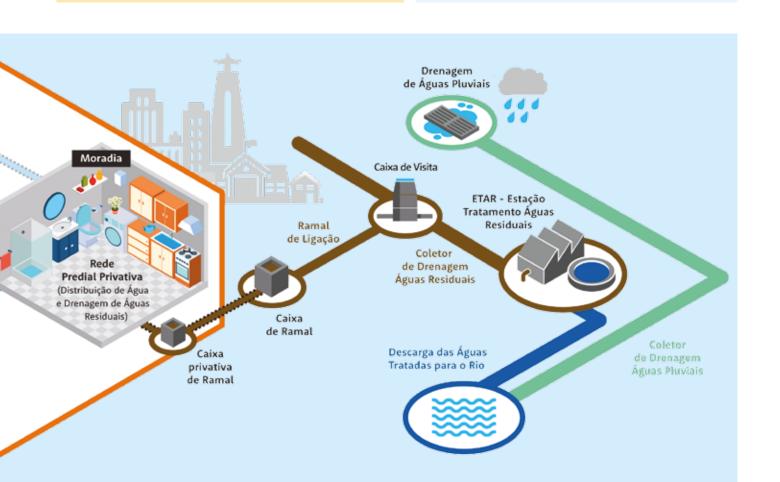
DE CONSUMO MÉDIO DIÁRIO

17770

ANÁLISES À ÁGUA/ANO

100%

DA POPULAÇÃO ABRANGIDA





DANATUREZA À NOSSA CASA

Texto de Sandra Gomes Fotografia de Anabela Luís e Victor Mendes

Como é assegurado o abastecimento

- da captação à distribuição?

Até chegar às nossas torneiras, a água atravessa um percurso de centenas de quilómetros entre furos, adutoras, estações elevatórias, reservatórios, redes de água no subsolo e ramais, que compõem o longo e complexo sistema público de abastecimento de água, gerido pelos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS) de Almada. Conheça as várias etapas do processo de abastecimento público de água.



CAPTAÇÃO

A água que abastece o concelho é captada num aquífero (ver caixa), através de furos subterrâneos, e transportada até à superfície por um processo de elevação, através de eletrobombas. Anualmente são captados mais de 17 700 milhões de m³ de água.



ADUÇÃO

Após ser captada, a água é transportada através de um sistema de condutas adutoras – com diâmetros que variam entre 200 e 600 milímetros –, para as estações elevatórias primárias onde se processa a adição de cloro gasoso, na quantidade adequada às características e volume de água, permitindo

preservar a sua qualidade em todo o sistema de abastecimento. Das estações elevatórias primárias, a água passa para as estações elevatórias secundárias que "alimentam" os reservatórios elevados. O sistema adutor tem uma extensão de 79 quilómetros.

Após este tratamento inicial, volta a elevar-se a água para reservatórios secundários, que fazem a distribuição, por gravidade, até ao núcleo populacional ou zona de influência, recorrendo, em alguns casos, a reservatórios elevados.

Atualmente, existem cinco estações elevatórias primárias - Vale de Milhaços, Corroios, Quinta da Bomba, Sobreda e Niza - e seis Estações Elevatórias Secundárias - Laranjeiro, Feijó, Lazarim, Cassapo, Raposo e Pragal.



RESERVA

A reserva de água é assegurada por 25 reservatórios, com características e funções distintas, instalados estrategicamente por todo o Concelho.

Os reservatórios podem ser enterrados (no subsolo), semi-enterrados, apoiados e elevados.

Os reservatórios apoiados abastecem diretamente zonas do território mais baixas, enquanto que os reservatórios elevados – que são visíveis em vários pontos do concelho – abastecem, essencialmente por efeito e gravidade, as zonas mais elevadas. No total, os reservatórios existentes armazenam 85 350 m³ de água, que são determinantes na gestão do abastecimento em continuidade e permitem responder às flutuações do consumo – sobretudo durante o verão –, garantindo uma reserva de água para consumo até 48 horas, em caso de situações excecionais.



DISTRIBUIÇÃO

O abastecimento de água no Concelho é assegurado por uma extensa rede de distribuição

- constituída por 797 quilómetros de condutas
- instalada no subsolo, que transporta a água desde os reservatórios até à entrada dos edifícios e habitações, ligando assim a rede pública de abastecimento à rede predial, para que a água chegue às torneiras dos almadenses.

Todo o sistema, da produção até à distribuição de água para consumo humano, é supervisionado por tecnologia de telegestão com controlo, em tempo real, 24/24 horas e ao longo de todo o ano.

QUALIDADE DA ÁGUA

A monitorização e o controlo da qualidade da água são garantidos através da realização de milhares de análises laboratoriais à água e em amostras recolhidas no sistema municipal de abastecimento, desde os furos aos pontos de amostragem nas torneiras, assegurando o cumprimento integral das exigências legais e aplicando as práticas mais adequadas.

O controlo operacional da qualidade da água em

O controlo operacional da qualidade da água em diferentes locais e momentos do ciclo de abastecimento – captações, centrais de abastecimento, reservatórios e rede de distribuição – é assegurado pelo laboratório dos SMAS, instalado na Quinta da Bomba desde 1988. Durante o primeiro semestre de 2022, foram realizadas 1867 análises à água para consumo humano e 2364 análises de controlo operacional de produção. De acordo com o Programa de Controlo da Qualidade da Água dos SMAS, são realizadas colheitas regulares em 717 pontos estratégicos do sistema de abastecimento de água. Os resultados obtidos demonstram que a água distribuída no concelho de Almada está em conformidade com as normas de qualidade estabelecidas pela legislação em vigor.



COMO PODEMOS EVITAR O DESPERDÍCIO E APROVEITAR CADA GOTA?

Texto de Sandra Gomes Infografia cedida pelos SMAS de Almada

Saiba como pode contribuir para uma utilização mais sustentável deste recurso essencial à vida.

Todos os dias usamos a água para beber, na higiene pessoal, nas tarefas domésticas ou no uso das máquinas e eletrodomésticos. Está presente na confeção de todas as refeições. É utilizada nas lavagens, na rega dos jardins, nos bebedouros ou fontes, na produção e indústria, na agricultura, nos locais de trabalho, nas escolas e até nos momentos de lazer ou na prática de desportos. Preservar, não poluindo este recurso natural e gerindo o consumo de água de forma sustentável é uma responsabilidade de todos.

Para que esta nunca falte no presente e no futuro, todos devemos fazer a nossa parte - mudar de hábitos e adotar comportamentos que evitem o desperdício e reduzam o consumo.

 $Pequenos\,gestos\,que\,se\,traduzem\,em\,grandes\,ganhos.$

Como utilizamos a água no dia a dia?

Que quantidades podemos poupar e como evitar o desperdício? Aqui ficam alguns conselhos úteis e números que nunca é demais relembrar.

> + informações smasalmada.pt



Jorge Barroso, Diretor Delegado dos SMAS de Almada PEQUENOS PASSOS PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Mudam-se os tempos, mudam-se os hábitos. Como explica Jorge Barroso, "quando a água era transportada pela força dos braços, as pessoas acabavam por lhe dar mais valor do que agora, uma vez que a água lhes chega diretamente à torneira, o que faz com que as pessoas não tenham noção da água gasta".

Como poupar água, o bem escasso de valor económico (cada vez mais) elevado que promete ser o novo "ouro" dos próximos séculos? Para Jorge Barroso "as cidades têm que ser pensadas para que o acesso das novas gerações à água potável possa ser garantido".

Com o objetivo de tornar a utilização da

água mais racional e eficiente, os SMAS de Almada têm adotado medidas que têm por base a gestão sustentável e a valorização deste recurso natural. Além da renovação das redes de água, que contribui para diminuir perdas de água e incrementa a eficácia do abstecimento, também as soluções tecnológicas de informação e comunicação, como a telegestão e a telemetria, permitem controlar, monitorizar e detetar anomalias, e reduzir consumos de água.

Outra das medidas adotadas passa pela automatização da rega de áreas ajardinadas durante a noite, diminuindo, desta forma, o volume de água perdida por evaporação e a utilização de águas residuais tratadas para regar espaços verdes. Nas Corporações de Bombeiros foram instalados hidrantes com contagem do volume de água utilizado.

São ainda realizadas diversas campanhas de sensibilização para o uso racional e eficiente da água, dirigidas à comunidade, sobretudo às crianças e jovens, a quem Jorge Barroso lança um apelo: "Ajudem-nos a utilizar esse bem escasso de forma racional. A soma dos comportamentos adotados poderá ser traduzida na poupança de muitos milhares de metros cúbicos de água."

Hábitos

simples reduzem centenas de litros de água, sem comprometer o conforto, com poupanças para o meio ambiente e no valor da fatura mensal.

 $1m^3 = 1000L$

COMO CONTRIBUIR PARA A POUPANÇA DE ÁGUA



Duche

Até 5 minutos = 60 litros 15 minutos = 180 litros (feche a torneira enquanto se ensaboa)

Banho de imersão = 200 litros

Lavar os Dentes

Se usar copo= máximo 1 litro Torneira aberta= cerca 14 litros Barbear

Ralo do lavatório tapado = 2 litros Torneira aberta = até 40 litros

Lavar as mãos

Torneira a correr - 5 a 10 litros por minuto



Autoclismos

1 descarga=10 a 15 litros Instale sistemas de dupla descarga/interrupção manual e use-os corretamente.

Nunca deite lixos, restos comida ou gorduras na sanita, evite descargas e entupimentos.

Reaa

Sempre nas horas de menor calor, evita a rápida evaporação.

Use um regador, aproveite a água da chuva ou da cozedura de vegetais (após arrefecida).



Esquentador/Termoacumulador

Regule para a temperatura necessária, reutilize a água ainda fria (corresponde a cerca de 5 litros/duche).



Máquinas

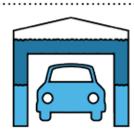
Lavam em simultâneo em grande quantidade, poupam água e energia.

Utilize-as cheias, na temperatura e programas económicos.

Loiça = 30 litros cada lavagem, não passe antes por água, limpe-a bem.

Roupa=90 litros cada lavaaem.

Se tiver de lavar à mão utilize uma bacia.



Carro

A balde e esponja=cerca de 57 litros Com mangueira=cerca de 500 litros. Lave-o nas estações de serviço ecológicas.



Avarias/fugas torneiras

Pingos de 5 em 5 segundos desperdiçam 30 litros água/dia.

Acompanhe os consumos na fatura de água, verifique avarias/fugas de água e repare-as.

Instale torneiras misturadoras, com redutor de caudal, poupam até 50% de água, mantendo a pressão.

Reduza e Reutilize

Reduza em permanência, com eletrodomésticos e lâmpadas mais eficientes;

Faça utilizações mais curtas da torneira;

Água não utilizada, ou levemente usada serve para lavagens, limpezas várias e rega. Simplifique mantendo um alguidar na cozinha e na casa de banho para esse fim, poupará muitos m³ de água todos os meses.

A ARQUITETURA DA ÁGUA

Texto de Sandra Gomes

Fotografias de Victor Mendes

Durante vários séculos, o acesso à água foi apenas possível através de nascentes naturais, poços, minas, cisternas e fontes públicas e privadas. O abastecimento de água – assegurado pelos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada – é uma conquista alcançada nas últimas sete décadas.

Hoje, toda a população do concelho está abrangida pelo sistema de abastecimento e a água surge nas nossas casas com um simples gesto, cada vez que abrimos uma torneira. Mas, antes de ali chegar percorre um longo caminho, desde a sua origem subterrânea — que pode atingir quase mil metros de profundidade —, transportada através de milhares de quilómetros de condutas e armazenada em reservatórios, em alguns casos visíveis como registamos nesta edição. Estruturas arquitetónicas e de engenharia que marcam a paisagem e a história da água do concelho.









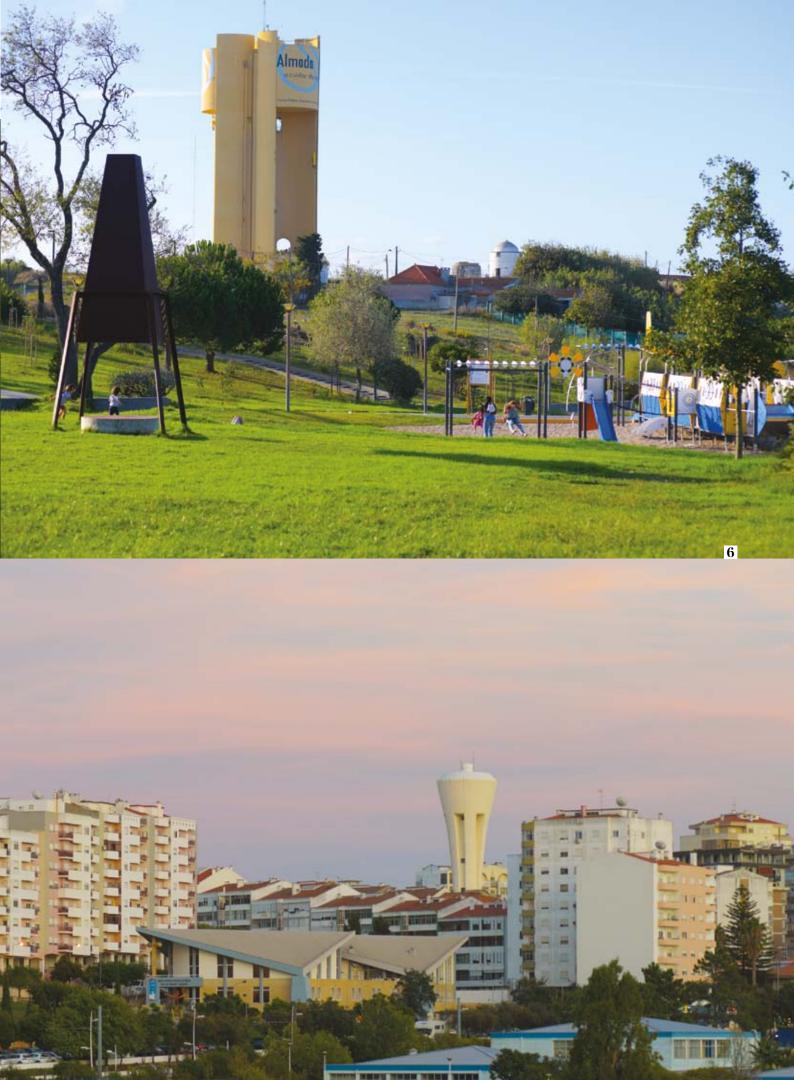


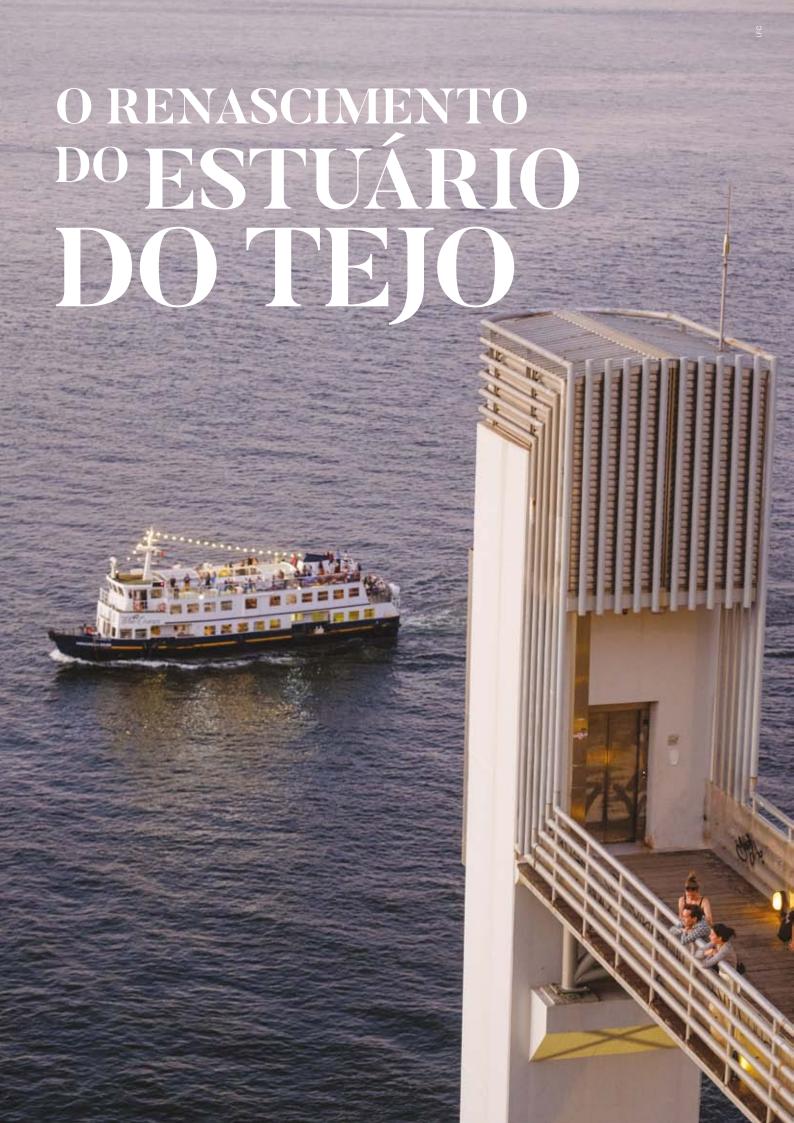






- 1 Reservatório apoiado (à esquerda) e elevado (à direita) do Cassapo, Charneca de Caparica
- ${\bf 2}$ Gasómetro de Biogás da Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) da Mutela, Cova da Piedade
- ${\bf 3}$ -Reservatório elevado do Lazarim, Caparica.
- ${\bf 4}$ Pormenor do interior do reservatório elevado do Feijó
- ${\bf 5}$ Reservatório do Cristo Rei, Pragal
- ${\bf 6}$ Reservatório elevado do Raposo, Caparica
- 7 Reservatório elevado do Laranjeiro





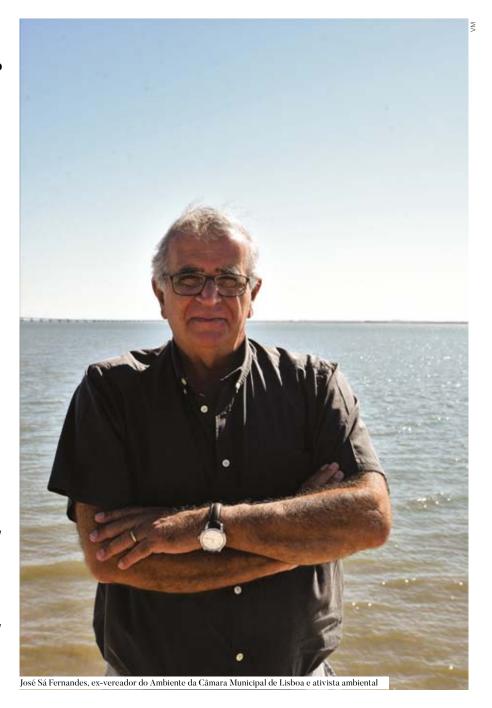
Considerado um dos maiores e mais belos estuários da Europa Ocidental, o Estuário do Tejo é descanso final de um rio que corre por cerca de 1070 Km, desde o alto da Serra de Arbarracín, em Espanha, até desaguar no imenso Atlântico. Uma autêntica arca, de 34.000 hectares, que carrega um tesouro enorme, entre o legado histórico e a riqueza biológica que muita gente ainda desconhece.

Texto de Paulo Teixeira* Fotografias de Luís Filipe Catarino, Anabela Luís e Victor Mendes

A falta de consciência ambiental, a densidade populacional e a eclosão exponencial da indústria foram os fatores que mais contribuíram para a degradação do estuário, que atingiu o ponto máximo em meados do século XX, numa altura em que eram lançadas para o rio toneladas de detritos industriais, residenciais e urbanos.

Mas, como conta José Sá Fernandes, exvereador da Câmara Municipal de Lisboa, com o pelouro do Ambiente, Clima e Energia, Estrutura Verde e Serviços Urbanos - alguém que acompanhou de perto o processo de recuperação do estuário do Tejo -, já não adianta apontar dedos ou distribuir culpas, pois "o tempo passa e descobrem-se coisas depois delas acontecerem; o importante é que estamos a renascer".

A visão positiva de Sá Fernandes é assumida com segurança, ao ver que "ao longo dos últimos 12 anos, todos os municípios aqui à volta fizeram um grande esforço para não lançar os esgotos e detritos diretamente para o rio, lançando-os apenas depois de tratados. Isto é uma evolução absolutamente gigantesca!" Segundo informação disponibilizada pela Águas de Portugal, o empenho



conjunto no projeto de despoluição do Estuário do Tejo, entre empresas gestoras de sistemas de saneamento e os 19 municípios circundantes, beneficiou da existência de um modelo de governação supramunicipal que permitiu uma abordagem sistemática do problema, congregando competências, racionalizando investimentos e alcançando economias de escala. Este projeto contemplou um conjunto de intervenções de elevada complexidade técnica, determinantes para assegurar a adequada recolha de esgotos domésticos

e industriais e o seu transporte, tratamento e retorno ao meio hídrico em condições ambientalmente seguras. Hoje, o Estuário do Tejo é servido por sistemas de saneamento que estão entre os mais modernos e inovadores da Europa. Este projeto assume-se como um caso de estudo internacional que se destaca pela complexidade dos trabalhos realizados, como nos excelentes resultados alcançados ao nível da redução das descargas poluentes, recuperação de afluentes e ribeiras e conservação da biodiversidade.



"Enquanto Lisboeta, não posso falar de Lisboa sem falar de Almada, Seixal ou Alcochete."

Sá Fernandes concorda que esta ação só seria possível com a união de esforços das várias entidades competentes. "Enquanto Lisboeta, não posso falar de Lisboa sem falar de Almada, Seixal ou Alcochete. Temos que falar uns com os outros, criar ações comuns." O processo de recuperação do estuário do Tejo, apesar de apresentar sinais muito positivos de progresso, ainda tem um longo caminho pela frente. Sá Fernandes aponta a aposta na formação e informação como uma das medidas importantes a implementar, relembrando que "todos os municípios têm a possibilidade de fazer visitas guiadas. Se forem organizadas visitas com as escolas, é meio caminho andado para termos um exército de defensores do Estuário do Tejo". Reforça ainda que "é preciso saber o que este rio esconde ou tem à sua volta. Muita gente não sabe que hoje, por exemplo, ali nos Mouchões ou em Alcochete, estão 100.000 aves a nidificar ou de passagem pelo estuário ou que no canhão de Lisboa, que fica a 5 km da Fonte da Telha, passam todos os dias baleias, tubarões, cachalotes e outros animais de grande porte. Este canhão é como se fosse a Serra da Arrábida invertida. Com uma grande profundidade, com mais de 4 km, deve ter uma biodiversidade absolutamente extraordinária e valia a pena ir lá abaixo. Está nas intenções do IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera) usar o ROV (Robot comandado à distância) para ver o que está lá em baixo, pois o Homem não consegue mergulhar a essa profundidade. Só conhecendo é que consequimos defender as coisas e conseguimos perceber a riqueza que temos".

"Não há poeta que não fale do Estuário do Tejo. Quem cá chega, canta. Por alguma razão é."

Para além da riqueza, a beleza do estuário é relato transversal de quem o visita. "Não há poeta que não fale do Estuário do Tejo. Quem cá chega, canta. Por alguma razão é." Com a recuperação das frentes ribeirinhas para uso, benefício e fruição das populações, o Tejo volta a ter vida e estão assim criadas todas as condições para o aparecimento de atividades económicas de base sustentável, ligadas ao estuário, que permitam aumentar a ligação das populações ao sistema e substituir modos de vida insustentáveis.



Em fim de conversa, José Sá Fernandes partilhou um sonho, que até pode servir de ponto de partida para uma ideia de negócio. Adorava "sair de Belém, ir até à Trafaria de barco e apanhar um comboiozinho, de preferência elétrico, que saísse da Trafaria para as praias da Costa da Caparica, escusava de levar carro." No caso particular de Almada, falamos de um concelho rodeado por uma extensa moldura de água de 35 km, com uma ligação inequívoca ao Atlântico a nascente - 16 km de costa atlântica -, e ao Rio Tejo a norte e poente, com 19 km de faixa ribeirinha.

Esta relação com a água foi fator decisivo na fixação de populações neste território, com vestígios arqueológicos que datam até à civilização fenícia ou, bem mais tarde, às rotas marítimas e inerentes redes comerciais que potenciaram uma crescente presença industrial a partir do século XIX - cortiça, fiação e tecelagem, moagem e ainda construção e reparação naval. Atualmente, a extensa costa marítima garante as condições ideais para a existência de atividades económicas tradicionais e de subsistência, baseadas na pesca, como a Arte Xávega, mas também na promoção de atividades



económicas modernas e até inovadoras, ligadas ao turismo e à gastronomia baseada em produtos do mar, ou aos desportos aquáticos e náuticos e ainda à investigação científica.

Por sua vez, a orla fluvial e o acesso ao

estuário do Tejo proporcionam outras oportunidades de desenvolvimento económico intrinsecamente relacionado com questões de mobilidade, designadamente nos transportes fluviais públicos e privados, destacando-se o fenómeno relativamente recente dos taxi boats. Nesta área ribeirinha do concelho é ainda bastante acentuada a presença de diferentes indústrias, algumas de caráter estratégico a nível nacional, quer no fornecimento de matérias-primas, quer no escoamento de produto e internacionalização comercial. Neste ponto, há que destacar o papel do Arsenal do Alfeite, uma referência na indústria naval desde 1939. Esta é uma estrutura que contribui significativamente para a Economia da Defesa Nacional alicerçada na Economia do Mar, fomentando o desenvolvimento de clusters nas áreas da construção e reparação naval, comunicações, sistemas avançados de simulação e treino e setor aeroespacial.

caminhos a percorrer para aproveitar todo o potencial económico desta longa relação com o mar e o rio - reforçar a oferta turística de Sol e Mar, e apostar num ecossistema de inovação, investigação e desenvolvimento, ligados ao Atlântico. É essa a chave para que a Economia da Água se assuma, cada vez mais, como um cluster estratégico do desenvolvimento económico sustentável do Concelho.

* com Ana Rita Ferreira





CavAlMar QUANTOS SÃO E ONDE VIVEM OS CAVALOS-MARINHOS DE ALMADA?



Texto de Inês Pascoal Fotografias de João Pedro Silva e Carlos Valadas

O estuário do Tejo é um ecossistema de alta produtividade, tanto ao nível da riqueza e diversidade de espécies, como da abundância de organismos, prestando um conjunto de serviços ambientais de valor inestimável a nível local e regional, que importa compreender e salvaguardar.

A vulnerabilidade ambiental da Frente Ribeirinha Norte do concelho, que se estende por 10 km entre a Cova do Vapor e Cacilhas, aliada à relevância das atividades socioeconómicas locais, como a pesca, tornam fundamental a existência de

informação detalhada sobre as modificações sentidas nas comunidades piscícolas desta região.

A existência de comunidades de cavalos-marinhos no estuário do Tejo é um facto bem conhecido há algum tempo, mas só em anos recentes foi identificado, na baía da Trafaria, um importante núcleo populacional destas espécies. Esta descoberta veio sugerir que, muito provavelmente, estes peixes peculiares também poderão ocorrer noutros locais da frente ribeirinha de Almada.

Os cavalos-marinhos

- peixes peculiares e protegidos

Os cavalos-marinhos (Hippocampus spp.) são peixes carismáticos e icónicos, na sua maioria protegidos e que vivem em zonas pouco profundas de alguns dos habitats marinhos mais vulneráveis em todo o mundo. Vivem tipicamente em zonas costeiras, onde ocorre maior impacte de atividades humanas, sendo por isso muito afetados pela poluição e perda de habitat. O reconhecimento internacional destes fatores de ameaça e impacto negativo nas populações de cavalosmarinhos, levou à implementação de medidas de mitigação, entre as quais se destaca a inclusão destas espécies na lista vermelha da União Internacional para a Conservação da

Natureza (UICN), na Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção (CITES) e na Convenção de Berna.

Em Portugal, existem duas espécies de cavalos-marinhos, o cavalo-marinho-de-focinho- comprido (Hippocampus guttulatus) e o cavalo-marinho-comum (H. hippocampus), sendo as populações da Ria Formosa as mais estudadas. Na última década, a abundância de cavalos-marinhos sofreu uma redução na ordem dos 90 %, devido sobretudo a pressões causadas pela atividade humana. Tendo em conta que ambas as espécies estão classificadas na lista vermelha da UICN com o estatuto de conservação "Dados Insuficientes", é urgente proceder à recolha de informação noutros locais da sua distribuição geográfica, de modo a aumentar o conhecimento destas espécies e contribuir para a atualização desta classificação.

Em 2019, foi descoberto na baía da Trafaria um importante núcleo populacional de cavalos-marinhos, o qual se encontrava seriamente ameaçado pela derrocada dos pontões rochosos que lhes servem de habitat. A pressão que se faz sentir no imediato sobre estas populações torna premente melhorar o conhecimento sobre a sua distribuição geográfica, tamanho da população, caracterização do habitat, estado de conservação e ameaças que enfrentam, entre outros aspetos ecologicamente relevantes para a conservação destas espécies.

Projeto CavAlMar - inventariar, sensibilizar e proteger

Perante esta situação de ameaça imediata, considerou-se da maior relevância proceder ao levantamento e monitorização ecológica da situação na Frente Ribeirinha Norte, para assim conhecer a qualidade ambiental deste ecossistema, bem como



a dimensão do alcance e magnitude das pressões a que está sujeita a população de cavalos-marinhos.

O projeto CavAlMar surge para colmatar esta necessidade, resultando de um protocolo estabelecido entre a CMA e o MARE-ISPA (Centro de Ciências do Mar e do Ambiente do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), um grupo de investigação com larga experiência nesta área, que irá realizar uma campanha de mergulhos ao longo da frente ribeirinha.

Este projeto científico tem como objetivos: Efetuar o levantamento populacional das populações de cavalosmarinhos e outros singnatídeos, e caracterizar o habitat na frente ribeirinha de Almada, incluindo a identificação de locais adequados para eventuais relocalizações de animais destas espécies; identificar, caracterizar e mapear as ameaças, riscos e oportunidades para a biodiversidade na frente ribeirinha norte; sensibilizar os diferentes atores locais para a necessidade de conservação destes peixes e dos seus habitats e discutir e delinear um plano de ação para a mitigação de ameaças, planeando um eventual projeto de restauro de habitat no futuro. Para além do desenvolvimento e implementação de medidas de proteção dos diversos recursos marinhos, os resultados deste projeto pretendem constituir um contributo para o bem-estar e qualidade de vida da população de Almada, designadamente na utilização sustentável dos recursos biológicos, na promoção da segurança alimentar e no desenvolvimento da Economia do Mar. Os resultados obtidos, esperados para final de 2022, serão também relevantes para aumentar o conhecimento e melhorar a divulgação do importante património natural ribeirinho do concelho, contribuindo de forma estruturante para uma gestão ambiental integrada.



SURF.ART

Atreve-te, Realiza-te, Transforma-te

Este é um projeto que potencia crianças e jovens a desenvolver a sua autonomia e a passar o que é aprendido nas aulas de surf para a convivência com a comunidade, adquirindo competências para o futuro.

O projeto SURF.ART- Atreve-te, Realiza-te, Transforma-te consiste num programa que pretende desenvolver a autonomia e o potencial das crianças através do surf. Este programa usa o desporto e o contacto com a natureza como meio para ajudar crianças e jovens a encarar os desafios individuais e familiares, a assumirem responsabilidade sobre as suas ações, com destaque para o comportamento em comunidade.

O objetivo último é que, entre pranchas e

Texto de Ana Beatriz Ferreira Fotografias de Victor Mendes ondas, comecem a pensar no futuro.
Este é um projeto da Associação Pressley Ridge, que foca a sua intervenção no apoio a crianças, jovens e famílias vulneráveis a nível social, psicológico e emocional. Trata-se de uma instituição que tem por objetivo desenvolver competências e relações próximas entre jovens e líderes comunitários, valorizando capacidades e contribuindo para o progresso da comunidade.

O programa SURF.ART tem duas vertentes distintas. Primeiro, promovendo a prática de desporto e permitindo uma visão ecológica e, depois, uma vertente mais técnica. No essencial, trata-se de ensinar crianças e jovens a adaptar e transformar tudo o que aprendem nas aulas de surf em experiências que depois levam para a vida quotidiana. O projeto trabalha e promove a autonomia, a liberdade de expressão, a resiliência e a forma como os alunos gerem as emoções, tendo como objetivo a melhoria da relação com os familiares e a comunidade, procurando um maior interesse na escola.

Atualmente, este projeto está em ação em Cascais, na praia de Carcavelos, mas tem como objetivo estender-se a outras zonas costeiras, sendo que a Costa da Caparica será o próximo destino.

O SURF.ART esteve por Almada em testes, entre julho e setembro, para que em outubro seja possível um início da atividade sem incidentes. O trabalho recorre a uma equipa multidisciplinar e integrada num grupo de trabalho formado por serviços de saúde e parceiros como a Câmara Municipal de Almada, BPI Fundação `La Caixa´, Lufi Surf School, a Associação Padre Amadeu e o Agrupamento de Escolas da Caparica. O SURF. ART faz todo o sentido num território no qual foi assinada, em 2021, uma carta relativa à saúde mental, assumindo-se o objetivo de este ser um município saudável. Este é um projecto que integra os objetivos da autarquia, procurando responder a esse desafio e ajudando a diminuir o impacto dos problemas mentais, proporcionando o bem-estar social, promovendo a

saúde mental e prevenindo distúrbios mentais entre a população jovem, com incidência nos bairros do Monte da Caparica e da Trafaria.

O surf surge no centro deste projecto porque está provado que o contacto com a água é relaxante e terapêutico e o contacto com a natureza leva a que as crianças se sintam confortáveis, potenciando a transferência das aprendizagens para o dia-a-dia e conduzindo a uma mudança de perspetiva relativamente ao futuro. O foco do SURF.ART é a reintegração de crianças e jovens de grupos vulneráveis e com recursos escassos, potenciando a inclusão social, sendo que também é de esperar uma melhoria no comportamento social e uma diminuição significativa de dificuldades gerais. Em Almada, o projeto conta com o apoio

da Associação Padre Amadeu Pinto, um centro juvenil e comunitário, que tem por objetivo não deixar as crianças entregues a si mesmas, proporcionando apoio ao estudo e a realização de atividades lúdicas, artísticas e desportivas, com o apoio de associações e clubes, através de parcerias, sendo esta uma mais-valia da Paróquia de São Francisco Xavier, no Pragal. O projeto SURF.ART tem como mote 'No mar somos todos iguais', promovendo a ideia de igualdade entre crianças/jovens, e incentivando um sentido de pertença comunitária. É aqui que o mar surge como um simulacro para a vida em sociedade, sendo que a aprendizagem do surf valoriza os contextos sociais das crianças e estimula a capacidade de superação, permitindo a abertura para novas realidades.











Luís Quinta é fotojornalista e realizador de filmes de História Natural com mais de 30 anos de carreira. A paixão pelo mar e pelos seus habitantes surgiu desde muito novo. Aos 14 anos começou a mergulhar em apneia, apenas com barbatanas e máscara, em Sesimbra, onde passava férias e onde o mar calmo lhe permitia ver, mais facilmente, a bicharada que por ali ocorria.

"Vai ali ver os peixes que aquilo é giro", incitava o pai, "um curioso de fim de semana" que, de máscara, tubo e barbatanas, dava por ali umas voltas e estimulava a paixão do filho pelo mar. Uma paixão à qual aliou o gosto pela fotografia e, mais tarde, pelo filme.

Passados uns anos, começou a mergulhar na Costa da Caparica e daí partiu para o mundo. "Andei pelo país todo, de norte a sul, pelo mundo inteiro, no Mediterrâneo, no Índico... Até que chequei a 2010 e comecei a focar-me mais no território de Almada. Morava aqui em frente, tinha aqui um património pouco conhecido, pouco documentado. Porque é que havia de ir para as Bahamas se tinha aqui coisas interessantes para ver, para retratar, para partilhar?". A par do tempo dedicado à exploração da zona costeira, Luís Quinta começou a fazer incursões no mar alto, a 2 milhas (cerca de 3,7 km) da costa, "onde já se veem peixes-lua, espadartes, golfinhos, tubarões, baleias... Uma fauna mais pelágica, com outra dimensão e outro impacto visual".

E se no mar alto ao largo da Costa da

Caparica, que continua a explorar, Luís Quinta retrata gigantes marinhos, nos pontões rochosos desta frente atlântica o fotojornalista capta fauna e flora de menor dimensão, mas não menos diversa. Luís Quinta fala do esporão do Marcelino, na praia de Santo António, onde todos os anos mergulha. "É um dos esporões mais compridos aqui da Costa da Caparica e que, na ponta, é mais fundo", chegando a ter entre 8 a 10 metros de profundidade, quando há menos areia, o que "faz uma grande diferença" na presença de pequenos animais como anémonas, camarões, cabozes.

É com orgulho que fala da riqueza do património natural das águas ao largo da Costa da Caparica. Um facto demonstrado num trabalho científico publicado pela Universidade de Aveiro, durante a Conferência Mundial dos Oceanos – Lisboa 2022, que mostra que "uma das zonas de maior produtividade e de maior biodiversidade da costa portuguesa é aqui, entre Cascais e o Cabo Espichel".

"Desde os maiores animais do planeta, como as baleias-comuns, aos pequenos organismos do plâncton, temos aqui uma biodiversidade gigantesca de peixes, de cetáceos, de invertebrados. Isto tudo à minha porta."

Para Luís Quinta, mergulhar no mar continua a ser sinónimo de aventura. "Às vezes saio da Trafaria e vou até ao Cabo Espichel, volto e vejo meia dúzia de aves. Há outras vezes que [no mesmo percurso] vejo dez espécies de aves marinhas, baleias, tubarões, peixes, espécies que nunca vi ocorrerem aqui. O que nós sabemos é uma ínfima parte", diz Luís Quinta, que trabalha de perto com biólogos, cientistas e investigadores. Mas, não é só à comunidade científica que o fotojornalista recorre. Há um trabalho de proximidade, também, com os pescadores locais. Álvaro Rodrigues, nascido e criado na Fonte da Telha, é um dos pescadores que fornece a Luís informação sobre o que vê no mar ou o que apanha nas redes. Álvaro faz parte do grupo de pescadores "que têm um

bom conhecimento do mar, do território. Com eles monto um puzzle. Eles contam--me umas coisas, a ciência conta-me outras, eu observo outras. E começando a juntar essas camadas todas, consigo tirar as minhas conclusões para ser objetivo no que ando à procura". Nesta procura, acompanham-no, por vezes, os filhos a quem Luís apelida, carinhosamente, de "Sereia" Íris e "Tubarão" Martim. E, se já o ditado dizia "filho de peixe sabe nadar", não nos espantamos em saber que são ambos estudantes de Biologia. Íris, de Biologia Marinha, Martim, de Biologia, dedicandose, também, à ilustração científica e ao desenho de campo. "Desde pequeninos que vão para o mar, veem os bichos, andam nas poças de água a ver os animais. Desde novos que começaram a ter atenção, a perceber as coisas, e tomaram o gosto."

Vamos poder contar, em breve, com o livro Mar da Minha Terra – Almada Atlântica, uma publicação feita a dois, pai e filho, com fotografias de Luís e ilustrações de Martim, apoiada pelo Município.
Um livro que surge no seguimento do documentário realizado por Luís Quinta com o mesmo nome (e que pode ser visto na íntegra no canal de YouTube da CMA). Ainda sobre projetos em curso, o fotojornalista fala-nos sobre a série documental, As Maravilhas do Mar Português, onde parte das filmagens foram feitas nas praias da Sereia, do Castelo e do Pescador. "São praias onde vou muitas vezes filmar os animais na

maré vazia, onde ficam umas poças muito grandes, fundas e contínuas. Há ali uma quantidade de animais incríveis, que as pessoas nem sonham".

Apesar de, hoje em dia, trabalhar pouco em terra firme, não deixamos de destacar a fotografia de vida selvagem e de geologia captada em habitats terrestres que levou Luís Quinta em viagens por todo o país e alémfronteiras. Mas, quando perguntamos o que prefere, a resposta é perentória -"Prefiro fotografar no mar, é a verdadeira aventura. A qualquer momento posso encontrar coisas não descritas, nunca vistas, comportamentos invulgares, é muito mais estimulante do que em terra. (...) Saio de barco, vou por aí fora, vejo os bichos, filmo, fotografo, há mais aventura e liberdade".

E, quando perguntamos pelo trabalho feito em locais como o Parque da Paz ou na Mata dos Medos, Luís insiste. "Eu gostava mais de falar do mar porque

as pessoas veem isto como uma zona balnear que tem aqui uns gelados e umas caipirinhas.

Gostava que o mar fosse visto de maneira diferente porque é muito rico. Se as pessoas souberem que há ali muita coisa notável pode ser que fiquem vaidosas, tenham orgulho. Se elas gostarem do que veem e acreditarem que há ali bichos fantásticos, para mim, já é bom. Se,

foram feitas nas praias da Sereia, do Castelo e do Pescador. "São praias onde vou muitas vezes filmar os animais na depois, ficarem apaixonadas por isto e mudarem os comportamentos, melhor. A mensagem foi mais eficaz."

Percurso pela frente atlântica, por Luís Quinta

- Praia da Fonte da Telha Taberna do Faustino
- Praia da Sereia
- 3 Praia Cabana do Pescador
- 4 Praia do Castelo
- 5 Esporão do Marcelino
- 6 Trafaria

ESPORÃO DO MARCELINO 😥 5 PRAIA DO CASTELO PRAIA CABANA DO PESCADOR PRAIA DA SEREIA 🕰 2 FONTE DA TELHA

A GALINHA DA VIZINHA...

Já lá vão mais de 23 anos desde que Isabel Rodrigues abriu, sozinha, uma discreta loja na Av. Egas Moniz e fez dela um projecto de vida, meio escola, meio comércio de bairro.

Texto de Paulo Tavares Fotografias de Luís Filipe Catarino



Isabel Rodrigues fala de linhas e agulhas, de tricot e croché como quem acabou de apaixonar-se. E não é esse o caso, de todo. A galinha da vizinha... está de portas abertas desde março de 1999, ali bem perto da Escola Básica Dom António da Costa e do Parque Urbano Cmdt. Júlio Ferraz.

Foi um passo em frente decisivo para uma então jovem de 28 anos, com uma carreira pouco entusiasmante na grande distribuição, que se seguiu a um igualmente pouco apaixonante curso de zootecnia.

Nascida e criada em Sesimbra, Isabel Rodrigues decidiu abrir negócio em Almada porque Sesimbra significaria trabalhar "todo o verão e todos os domingos", porque "santos da casa não fazem milagres" e porque foi por Almada que estudou até ao 12° ano.

O risco foi calculado, até porque sendo filha de comerciantes sabia bem "o que me esperava, os sacrifícios que tinha de fazer, porque sempre ajudei os meus pais. Mas, tinha essa necessidade de trabalhar por conta própria". Isabel Rodrigues começou sozinha e "sempre que precisava de sair da loja para ir comprar materiais a minha mãe ajudava. Até há pouco tempo, a minha mãe foi o meu braço direito".

Com um curso de imitação de materiais concluído na Fundação Espírito Santo, começou pelas coisas simples de ensinar. "As peças de gesso, a marfinite, as madeiras, tintas, pincéis, estênceis... ensinava, por exemplo, a decorar paredes. Quando comecei já tinha estas duas vertentes - loja e escola. E na altura também era o meu atelier, porque fazia trabalhos para fora."

E este é o conceito que se mantém até hoje, 23 anos passados - um espaço que se desdobra em escola e loja.



Isabel Rodrigues explica o sucesso inicial. "Apanhei uma altura em que a função pública trabalhava menos horas, saiam às cinco e meia. Tinha muitos clientes professores e fisioterapeutas. Foi um pouco o efeito novidade e não haver ninguém com um projecto semelhante aqui na zona. E depois apanhei a Aroeira. Muitas pessoas, que tinham apartamento aqui perto, compraram ou construíram casa na Aroeira e trabalhei muito na área da decoração." Mas, a verdadeira paixão era o tricot. Um amor antigo, dos tempos em que fazia de autocarro o caminho entre casa, em Sesimbra e a escola, em Almada. "Foi nessa altura recomecei a tricotar, tricotava na carreira e as amigas gozavam todas comigo. Acabaram todas a tricotar." As amigas começaram a tricotar e, anos mais tarde, ela fez disso um negócio. "Fiquei de tal modo viciada no tricot que comecei a vender fio". "A essência da loja", conta Isabel Rodrigues, "é ter materiais diferentes e ensinar a fazer. Por exemplo, se quiser fazer uma camisola igual à minha, tenho o fio para a fazer. Isto é uma camisola sem costuras. Começo por cima, as mangas ficam paradas, faço primeiro o tronco e

depois quando termino faço as mangas". Por estes dias são sobretudo aulas de tricot e croché. Técnicas ancestrais para clientes de todas as idades. "Já ensinei crianças pequenas, que vêm com as mães e também tenho pessoas mais idosas, como a minha mãe, que aprendeu há pouco tempos, com 80 anos, a fazer tricot sem costuras. De início faz-lhes alguma confusão, por causa das agulhas circulares e é uma técnica nova, mas depois ficam muito entusiasmadas. A minha mãe ensinou--me a tricotar quando era miúda e agora sou eu que lhe ensino novas técnicas". A galinha da vizinha..., uma loja discreta numa rua como tantas outras no centro de Almada, é como que um segredo só para quem conhece e sabe o que quer, mas acaba por funcionar também como um pólo de convívio para boa parte da comunidade local. Com um sorriso, depois de uma animada interrupção na entrevista, Isabel Rodrigues conta que nunca está sozinha, "há sempre vizinhança a entrar e a sair". Esta é uma loja onde só entram fibras

naturais ou até recicladas, como "um fio que é feito de calças de ganga. Tenho clientes vegan que só usam esse fio de algodão reutilizado". Ao balcão, Isabel Rodrigues explica as vantagens. "Quando as fibras são naturais, não é preciso lavar tanto. Lavo as minhas lãs uma vez por ano. As pessoas às vezes têm mais frio porque usam fibras sintéticas, com a lã não é necessário".

Com as mãos sobre as linhas e agulhas de um dos projectos em que está a trabalhar, afirma que esta é uma actividade "relaxante, que faz libertar as ditas hormonas do prazer" e que está ao alcance de qualquer pessoa, "mesmo que não tenha aptidão natural para isto. Normalmente, as pessoas até pensam que é mais difícil do que é". Isabel Rodrigues dá mesmo o exemplo dos militares norte-americanos em longas missões no estrangeiro, que "são ensinados a tricotar. Quando estão em zonas de combate e nas horas mortas, tricotam cachecóis, por exemplo. Há muitas fotos dessas no Instagram. É como uma terapia, para passar o tempo enquanto estão fechados". Fica a sugestão para esta terapia com linhas, fios e agulhas. Cada aula de duas horas vale 10€ e Isabel Rodrigues garante que "em duas ou três aulas

estão a tricotar".



NOITE DE REIS

O Texto de William Shakespeare, com encenação de Peter Klneinert e atuação da Companhia de Teatro de Almada está em cena de 7 a 30 de outubro no Teatro Municipal Joaquim Benite.

Texto de Ana Beatriz Ferreira Fotografia de Carlos Valadas

Erica Rodrigues, que interpreta a personagem Olivia, João Cabral, que dá vida a Malvólio e Leonor Alecrim que é a Viola, revelam que se sentem entusiasmados por voltar a pisar o palco com esta peça, depois da passagem pelo Festival de Almada. Ao que conta a atriz Erica Rodrigues, a personagem Olivia é a Condessa que retrata uma relação entre o amor e o desamor, o encanto e o desencanto, sendo que a mesma remete para a questão do género, uma vez que esta se apaixona por uma pessoa, não vendo se é homem ou mulher, dando destaque ao sentimento humano e não às características exteriores.

O ator João Cabral descreve Malvólio como sendo um "personagem mais sério e que tem uma vontade de ascensão social muito grande", sendo identificado como um personagem que segue sempre as regras.

Leonor Alecrim que interpreta Viola descreve "um grande jogo de amor e trocas de amor, uma vez que ela é uma mulher e está enquanto homem a apaixonar-se por outro homem, o que revela uma grande desconstrução do amor associado a um género, uma vez que se trata da pessoa, o que remete a um questionamento do tema identidade".

Esta peça teve estreia marcada para maio de 2020, mas devido à pandemia que explodiu em Portugal duas semanas após o início dos ensaios, teve de ser cancelada. Dada esta longa paragem e as alterações no mundo, a peça sofreu alterações consideráveis. Além de elementos do elenco, a maior alteração sofrida foi o cenário.

Inicialmente o cenário pensado era branco, luxuoso, limpo, com uma piscina de esferovite, estando ligado à ideia de "amor romântico", até que após reflexão o encenador Peter Klneinert coloca a questão: "O que é a ideia de luxo?", dado que o mundo ultrapassa uma pandemia, mas depara-se com uma guerra, com crises financeiras, políticas, sociais, desigualdades mais acentuadas, com o crescimento da extrema-direita, com alterações climáticas, etc. "Não é possível fazer um cenário luxoso se o mundo está a atravessar todas estas questões e problemáticas", afirma Leonor Alecrim. Foi assim que nasceu a ideia de um cenário com plástico a cair, remetendo para a questão da sustentabilidade.

Erica Rodrigues sublinha que "a peça já é sobre luxo, logo até que ponto seria justo o cenário também ser luxuoso" enquanto o ator João Cabral explica que "hoje só se pode fazer teatro com o que está a acontecer à nossa volta", trazendo para dentro da peça as questões que nos rodeiam.

"Noite de Reis" foi escrita por William Shakespeare há séculos, mas toca temáticas atuais. Erica Rodrigues considera que "Shakespeare entendia tanto da máquina humana e as suas peças são tão transversais ao tempo, que me questiono se evoluímos assim tanto ou se evoluímos, mas a estrutura que nos move continua a mesma".

Leonor Alecrim defende que "uma interpretação traz sempre algo novo, uma vez que é com base no teu histórico que estás a confrontar diferentes questões", tal permite sempre trazer algo novo à personagem e que deixa a porta aberta para que ela traga algo de novo aos atores.

Aos olhos da atriz que dá vida a Olivia, Erica Rodrigues, neste espetáculo ocorrem diversas quebras relativamente à relação com o amor, sendo que ocorrem amores, desamores, ilusões, desilusões, o que faz do amor a palavra-chave desta peça.

No entanto, esta visão do amor traduz a forma como nos relacionamos com o outro e a atriz destaca ainda que todas as personagens da peça "perdem o equilíbrio quando toca ao amor", gerando assim uma balança desequilibrada, o que acaba por refletir a convivência humana, sendo o amor uma das nossas maiores forças e também uma das nossas maiores fragilidades.

Os três atores confessam que estão entusiasmados e mal podem esperar para subir a palco, admitindo que querem ver a reação e a receção do público à peça, dado que o público é a personagem principal do teatro.



JÁ REABRIU O MUSEU DE ALMADA – COVAS DE PÃO

Texto de Sandra Gomes Fotografia de Luís Filipe Catarino

Situado no centro histórico de Almada, este núcleo museológico – encerrado desde 2020 – reabriu em setembro, após a requalificação do edifício, e com uma nova exposição "Casas, covas e ruas: as raízes medievais de Almada".

Mais interativo, o novo espaço dá a conhecer a história da vila de Almada, o modo como se desenvolveu e o quotidiano das comunidades que a

habitaram ao longo dos séculos. O conjunto de peças apresentadas é proveniente de toda a área do núcleo histórico e revela o resultado das escavações realizadas desde 2015.

A exposição está dividida em três núcleos: "Entre o Al-Andalus e o Reino Cristão", "A Vila em Expansão" e "A Vila Consolidada", que dão a conhecer as várias fases de evolução da vila entre os séculos XII e XVIII.

De celeiro a espaço museológico

A partir da evolução do seu núcleo histórico, a exposição percorre a história da vila de Almada desde a sua origem medieval, junto ao castelo, acompanhando a lenta transformação por que passou ao longo do tempo. O ponto identitário de todo o espaço é o conjunto de silos - "covas de pão", na sua nomenclatura medieval cristã, entendendo-se por "pão" cereais como o trigo. Herança da ocupação mais antiga de Almada, estas "covas de pão" existiam por toda a vila medieval garantindo a subsistência da população, tendo sido transformadas em lixeiras após o seu abandono, o que permitiu a recuperação de um importante conjunto de artefactos durante as escavações arqueológicas.

+ informações:

MUSEU DE ALMADA - COVAS DE PÃO Rua Henriques Nogueira, 36, Almada Terça a sábado, 10h-13h | 14h-18h





ENCONTRO NACIONAL DE MUNICÍPIOS COM CENTRO HISTÓRICO

ALMADA

10 · 11 · 12 NOVEMBRO 2022

SALA PABLO NERUDA AUDITÓRIO FERNANDO LOPES-GRAÇA







